

Tavares abriu a porta de armas e os soldados começaram a entrar.
^{ERA}
Era noite.

A maioria vinha de casa. Na mão esquerda seguravam o saco ou a maleta, e com a direita apresentavam a dispensa. Entregavam-na ao sargento, faziam uma continência sorridente e retiravam-se. As botas faziam, grande restolhada no pavimento de mármore.

- Então, e tu? - perguntou Tavares a um soldado que esperava, nervoso e comprometido.

O Homem avançou e fez uma continência desageitada.

- Pois saiba Vossa senhoria que a minha irmã está muito mal e a minha mãe não conhece Lisboa. - ãisse, e calou-se, de corpo torcido.

- Está bem - concordou Tavares. - Dá cá a dispensa.

- Pois saiba vossa senhoria - insistia o soldado - que a minha mãe não conhece Lisboa, e pediu-me para eu lhe ir ensinar o caminho. - Parou pra respirar. Não se aguentava perfeitamente nas pernas. "Será emoção?" pensou Tavares - O meu passaporte só dava até ontem.

Tinha um ar de cabreiro a ver como a lã se transformava em tecido, nas máquinas.

- Essa é boa! Cometeste uma falta grave.

- Devias ter comunicado, pelo menos - interveio o sargento. Deitou um olhar cúmplice a Tavares - Assim estás arranjado.

- Saiba vossa senhoria, - recomeçou o soldado - que a minha irmã tem um braço partido e muitas costelas partidas. Está muito mal. A minha mãe é uma velhota assim ... - hesitou - uma velhota, e pediu-me para ir com ela. Perdia-se em Lisboa, sãzinha.

Tavares não sabia que dizer. Mandava o homem embora? Mas ele tremia das pernas.

- O que sucedeu à tua irmã? perguntou-lhe.

- Caiu de uma janela, saiba vossa senhoria. Ela é criada de servir, e atirou-se de uma janela.

"Ah! ah!," pensou Tavares. E teve pena. Pobre soldado. Pobre rapariga. Se calhar, o mesmo de sempre. O desagradável era ter-se atirado de uma janela à rua. Mesmo assim tivera sorte. Não partira nenhuma perna.

- Está bem. Vamos já resolver o teu caso. Espera aí que eu já te chamo para falares com o nosso capitão.

- Vossa senhoria, muito obrigado. A minha irmã ...

- Está bem! - cortou Tavares - Já sei.

Apeteceu-lhe rir. Aquele diabo era um inculto extraordinário. Parecia mais um garoto apanhado a roubar fruta do que um soldado com a quarta classe. "Serão sempre assim?" interrogou-se.

Entrou no gabinete e sentou-se. Rápido, sem transição, deixou que os pensamentos se apoderassem dele.

" Um dia, - pensou - morrerei. A minha vida deixará de se transformar. Já não poderei fazer mais nada. No entanto está aquele tipo lá fora à espera que eu resolva o caso dele. Hei-de ser justo?. Ou hei-de ser benevolente? Para mim, é indiferente. Mas não é para ele. Costava de poder resolver tudo à minha maneira! Mas é impossível. Ainda um dia hei-de perder o receio de realizar coisas. Talvez quando verificar que a morte vem aí. Ah, poderosa morte - pensou, já muito fóra de tudo o que o cercava - aproxima-te mais de mim. Dá ao que eu faço o fundo negro de inquietação da tua presença. Faz-me agir como um homem que tem a força toda dentro de si, e não precisa de recear o futuro da sua vida.

Levantou-se e acendeu um cigarro. Permaneceu absorto.

" Preciso de dar às coisas e aos ~~mixxx~~ acontecimentos o seu verdadeiro valor - pensou - Ultimamente estou a prender-me demasiado a posições conquistadas ou a conquistá-las. Estou a perder-me - Sorriu levemente - E quem não se perde? Nunca ninguém foi capaz de atirar a primeira pedra. Devo ser um bocado tolo para querer estar em condições de o fazer. Na verdade preciso do risco físico para ter a verdadeira dimensão do mundo, do meu mundo pessoal. "Morte, começo, e fim, aproxima-te e mostra-me que tudo é nada.

- Meu capitão - disse Tavares, esmagando o cigarro - está lá fóra um homem que devia ter chegado esta manhã. É um caso interessante.

- Mande entrar - disse o capitão, continuando a ler.

O soldado entrou atabalhoadamente.

- Vossa senhoria - começou, logo. O capitão mandou-o parar.

- Conta lá a tua história!

- Saiba vossa senhoria que eu hoje estive em Lisboa a ensinar a minha mãe. Ela é uma velhota que não conhece nada e pediu-me para ir com ela. A minha irmã está no hospital. Está muito mal. Atirou-se duma janela e partiu um braço e algumas costelas. Levaram-na para o hospital. Eu já estive na Amadora, e conheço aquilo. Falava aos arrancos, com visível esforço - A minha outra irmã, que também está a servir, é casada. Está grávida e não pode lá ir. Então, a minha mãe ...

O capitão disse, - chega-te mais para lá.

Olhou bem para o soldado.

- Vossemecê sabia que tinha que vir hoje de manhã. Porque é que não veio?.

- Eu sou de longe. Duma terrazita perto das Caldas. demoro duas horas, a pé, até ao comboio.

- Mas tu devias estar aqui às sete e meia. A que horas é que partias?.

O soldado mexia o corpo.

- Saía de casa às quatro da manhã. Mas a minha mãe é velhota e não pode andar de noite. Vim de manhã. Ela pediu-me para ir a Lisboa ver a minha irmã.

O capitão voltou a olhá-lo de novo, cruamente. Depois disse:

- Vossemecê vai-se deitar. Amanhã, a seguir ao café ve' falar co migo.

- Vossa senhoria meu capitão, eu...

- Chega. Amanhã vem aqui, a seguir ao café.

Tavares imaginava uma noite estrelada. Estava calor. Tudo era agradável. Pares de namorados saboreavam ousadamente as primeiras primícias da companhia. O amor aproximava-se. Estava em toda a parte. Não havia misérias físicas. Toda a humanidade era sã. A vida girava desordenada, capotada, esfuante, maravilhosa. Não havia problemas.

Lá fóra, chovia, Ouvia-se nitidamente o ruído que grossas gotas faziam ao tombar no chão.

O gabinete estava tépido. A luz da secretária agradava às consciências e adormecia os impetos.

- O homem tremia demais, meu capitão - começou Tavares - Teria ido comemorar as costelas da irmã para uma tasca?.

O capitão riu.

- Também me pareceu. E a certa altura chegou-me uma baforada ...fez um gesto significativo.

Tavares sentia pena, Aquele desgraçado, se calhar aproveitara a estadia em Lisboa para se emborrachar. Não sentia coragem para o repreender. Parecia tão abandonado, tão fragil.

- Coisas, meu capitão - disse. soturnamente.

O capitão concordou.

Távres sentou-se e mergulhou de novo nos pensamentos.

" A estas horas, no meu país, uma velhota tem uma filha grávida, a servir, outra filha que se atirou da janela à rua, e está no hospital, e um filho bêbado. A pobre velhota não pode andar de noite para apanhar o comboio. Um dia destes vai morrer. Mas por enquanto ela preocupa-se.

Ah, bom, ah, bom.

Estou aqui à espera que o tempo passe. Quem vencerá? o tempo ou eu? Ah, tudo desaparece, à minha volta. Virá o fim do mundo, para mim, e tudo continuará na mesma.

Sorriu levemente.

- Formidável. Estou a começar a pensar em não ter medo. É bom, para os outros.

MAFRA, 28-2-1962

EGÍDIO ALVARO